

# O ELIXIR DA CURA SOB SUSPEITA: UMA ANÁLISE DISCURSIVA DE *FAKE NEWS* SOBRE A CLOROQUINA CHECADAS PELA AGÊNCIA LUPA

THE ELIXIR OF CURE UNDER SUSPICION: A DISCURSIVE ANALYSIS OF *FAKE NEWS* ABOUT CHLOROQUINE CHECKED BY *AGÊNCIA LUPA*

## **Francisco Vieira da Silva**

Doutor em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (João Pessoa/Brasil). Professor efetivo de Linguística e Língua Portuguesa da Universidade Federal Rural do Semi-Árido (Caraúbas/Brasil). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (Mossoró/Brasil).  
E-mail: francisco.vieiras@ufersa.edu.br

## **Joseeldo da Silva Júnior**

Mestre em Linguística pela Universidade Federal da Paraíba (Paraíba/Brasil).  
E-mail: joseeldojr@gmail.com

Recebido em: 8 de fevereiro de 2021

Aprovado em: 25 de março de 2021

Sistema de Avaliação: Double Blind Review

RPR | a. 18 | n. 2 | p. 51-72 | mai./ago. 2021

DOI: <https://doi.org/10.25112/rpr.v2i0.2502>

## RESUMO

Este artigo intenta analisar *fake news* sobre o uso da cloroquina no combate à Covid-19, visando a descrever o funcionamento de estratégias discursivas e os jogos de verdades que são acionados na constituição dessas materialidades. Para isso, temos como *corpus* três notícias falsas acerca do referido medicamento, as quais foram checadas pela Agência Lupa. As ferramentas de análise são advindas do método “arqueogeneológico” de Michel Foucault, que culminou na formação dos estudos discursivos foucaultianos, em que se inscreve este trabalho. Metodologicamente, a pesquisa proposta é do tipo qualitativa, de natureza interpretativa-descritiva. As estratégias discursivas empregadas nas notícias falsas fazem funcionar jogos de verdade que tentam construir um posicionamento favorável à utilização da cloroquina como uma medicação adequada para o tratamento da Covid-19, lançando mão de ataques a políticos, às instituições jurídicas e à ciência. Imprime-se, portanto, verdades falseadas, com o único propósito de atender interesses ideológicos e estritamente pessoais, sem qualquer atenção ou cuidado com a saúde populacional.

**Palavras-chave:** Discurso. Cloroquina. *Fake News*.

## ABSTRACT

This article attempts to analyze fake news about the use of chloroquine to combat Covid-19, aiming to describe the functioning of discursive strategies and the games of truths that are triggered in the constitution of these materialities. To that end, we have as *corpus* three fake news about the forenamed medicine, which were checked by *Agência Lupa*. The analysis tools come from Michel Foucault's “archeogeneological” method, that culminated in the formation of the Foucauldian discursive studies, in which this work is inscribed. Methodologically, the proposed research is of the qualitative type, of an interpretative-descriptive nature. The discursive strategies employed on the fake news operate games of truths that try to build a favorable position for the use of chloroquine as an appropriate medication for the treatment of Covid-19, resorting to attacks to politicians, legal institutions and science. Therefore, false truths are printed, with the sole purpose of serving ideological and strictly personal interests, without any attention or care for the population's health.

**Keywords:** Discourse. Chloroquine. *Fake News*.

Primeiro atendimento do dia: um senhor perguntou sobre cloroquina. Respondi que estávamos sem o remédio e não havia previsão de recebê-lo. Ele continuou, dizendo que *conhecia* pessoas que tinham sido *curadas* do novo coronavírus em 24 horas após usarem cloroquina. A história fazia tão zero sentido que em nenhum momento pensei em questionar o homem (Sandro Aurélio, balconista de farmácia, em texto escrito para a revista Piauí).

O som é abafado e tem a mesma rouquidão do carro da “pamonhas, pamonhas, pamonhas, pamonhas de Piracicaba”. Em vez da iguaria de milho, porém, o alto-falante do patriota e cristão — como o homem se define — prega o uso da cloroquina, convoca as pessoas às ruas contra o isolamento social e xinga STF, governadores, comunistas, petistas, maconheiros e vagabundos. Diante de qualquer reação, aplica um “vai pra China” em vez do clássico “vai pra Cuba”. (Xico Sá).

## 1 INTRODUÇÃO

As *fake news*, enquanto aliada do fenômeno da pós-verdade, palavra evidenciada após as eleições americanas e o *Brexit* (saída do Reino Unido da União Europeia), em 2016, produzem efeitos de realidade, por não terem respaldos em posições científicas ou fontes confiáveis de informações. Como instrumento de reformulação das verdades inventadas, as agências de checagens de fato emergem, na atual conjuntura de subjetivação da verdade (leia-se pós-verdade), com a finalidade de verificar se narrativas disseminados nas mídias digitais são verdadeiros ou falsos, revelando-se como uma estratégia precisa do exercício do poder, ao interditar as *fake news*. Por atrair atenção de leitores, afirma Ferrari (2018, p. 134), os checadores de fato “pode vir a ser o começo de uma mudança de paradigma rumo ao compartilhamento de fatos com credibilidade”. Estes checadores, que emergem como uma prática discursiva jornalística, atestam confiabilidade à informação anteriormente repassada como falsa.

Neste sentido, este artigo intenta analisar *fake news* sobre o uso da cloroquina no combate à Covid-19 (Sars-Cov-2), visando a descrever o funcionamento de estratégias discursivas e os jogos de verdades que são acionados na constituição dessas materialidades. Para isso, temos como *corpus* três notícias falsas acerca do referido medicamento, as quais foram checadas pela Agência Lupa. A querela que envolve o uso da cloroquina emerge no esteio de um governo marcado por um viés negacionista que, num primeiro momento, minimizou os efeitos da pandemia e, posteriormente, imputou a um medicamento específico a cura para a doença. Seguindo a visão adotada pelo presidente dos EUA, Donald Trump, de que a cloroquina e medicações associadas seriam responsáveis pelo tratamento dos sintomas da Covid-19, o governante do Brasil empreendeu uma luta em prol do fármaco, embora não haja evidências científicas

que possam atestar a eficácia. Esse posicionamento do presidente alinha-se à defesa do afrouxamento do isolamento social como estratégia de combate à pandemia e tem gerado uma miríade de controvérsias que se corporificam em demissões de ministros, atritos com prefeitos e governadores e descumprimento de normas dos órgãos de saúde pública, inclusive da Organização Mundial da Saúde (OMS).

Com efeito, o medicamento em discussão já está disponível no mercado tem um certo tempo, todavia a prescrição é para o tratamento da malária. A politização da medicação foi responsável pela ameaça a pesquisadores (ameaças de morte) que, em ensaios clínicos realizados em Manaus, observaram que o uso da cloroquina no tratamento da Covid-19 estava acelerando a morte dos pacientes. Conforme reportagem publicada no jornal *El País*<sup>1</sup>, a equipe liderada pelo pesquisador Marcus Lacerda viu-se ameaçada após a midiatização da interrupção dos testes clínicos nas mídias sociais digitais, especialmente depois de uma postagem no *Twitter* do filho do presidente, Carlos Bolsonaro. As intimidações assustaram o cientista e toda sua equipe que precisaram ser escoltados e estão sendo processados por promotores de Bento Gonçalves/RS, a quase 4.000 km de Manaus. Em suma, a interrupção dos testes clínicos foi interpretada como um ataque ao posicionamento do presidente que, a despeito de todos os apelos contrários da ciência, impulsionou a compra em massa da medicação e permitiu que o Ministério da Saúde estabelecesse um protocolo para a prescrição da cloroquina em pacientes com quadro leve de Covid-19<sup>2</sup>.

Pensamos, a partir desse embate de posicionamentos discursivos, em como a ciência tem sido deslegitimada por um governo que se ampara numa postura revisionista e que concebe quaisquer contradições como um plano obscuro de conspiração e de tomada do poder. As notícias falsas, pois, entram em funcionamento para amparar essa visão que distorce os fatos para construir uma vontade de verdade que esteja em conformidade com um posicionamento discursivo quase sempre irredutível e autoritário. Se a campanha presidencial de Bolsonaro foi matizada pela circulação maciça de *fake news*, conforme revelou um estudo realizado pela Organização Avaaz, o qual apontou que 98,21% dos eleitores do atual presidente foram expostos a notícias falsas e 89,77% acreditaram que tais fatos

<sup>1</sup> Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-25/cientistas-brasileiros-vivem-pesadelo-em-meio-a-politizacao-da-cloroquina.html>> Acesso em: 26 maio 2020.

<sup>2</sup> No momento de escrita deste texto, a revista *Lancet* divulgou os resultados de um dos maiores estudos sobre a cloroquina o qual demonstrou a ineficácia da sua utilização para o tratamento da Covid-19 e alertou para os efeitos contraproducentes, como o risco de enfarte. A OMS, em contrapartida, orientou a suspensão dos ensaios com o fármaco. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-25/o-que-fez-a-oms-suspender-os-ensaios-com-a-hidroxicloroquina.html>>. Acesso em: 26 maio de 2020.

eram verdadeiros<sup>3</sup>, não é de se espantar que essa indústria de boatos continuasse, mesmo quando tal campanha logrou êxito. Isso não quer dizer, porém, que os boatos que circulam na *web* sejam produzidos para endossar um posicionamento pró-governo; contudo, não se pode ignorar, por exemplo, o fato de o presidente acumular mais de 150 informações falsas sobre a crise do coronavírus, nos meses de março e abril de 2020, conforme levantamento do *site* de checagem *Aos Fatos*. Essas informações falsas também são compartilhadas por parlamentares da base aliada do governo, o que nos permite ponderar, em linhas gerais, que a produção e circulação de notícias falsas constitui um *modus operandi* da gestão do atual governo brasileiro.

Nossas ferramentas de análise são advindas do método “arqueogeneológico” de Michel Foucault, que culminou na formação dos estudos discursivos foucaultianos, no qual se inscreve este trabalho. Metodologicamente, a pesquisa proposta é do tipo qualitativa, de natureza interpretativa-descritiva, uma vez que perscrutamos nossas análises a partir da descrição e interpretação do fenômeno das *fake news* sobre a cloroquina e como tal fenômeno faz funcionar certas estratégias discursivas e determinados jogos de verdade. A escolha por notícias falsas relacionadas à cloroquina deu-se em função do recorte que fizemos frente a uma dispersão enunciativa de *fake news* em torno da pandemia da Covid-19, as quais incluem, por exemplo, uma miríade de remédios caseiros que curariam a doença críticas ao isolamento social e uma infinidade de boatos que permitem observar uma guerrilha discursiva que envolve a política do governo federal e a postura de determinados governadores e prefeitos. O fato de selecionarmos notícias falsas checadas pela agência Lupa está articulada ao fato de esta ser uma das principais (inclusive a primeira) agências de checagem de fatos do país.

Em relação à estrutura deste artigo, o debate inicial é pautado sobre a noção da verdade e pós-verdade, mencionando o contexto atual brasileiro, sobretudo em torno da pandemia do novo coronavírus. No tópico seguinte, discutimos brevemente a noção do dispositivo da verdade enquanto ferramenta discursiva que nos permite problematizar os conceitos de “verdade”. Posteriormente, lançamos um debate em torno dos jogos de verdade como mecanismo discursivo que colabora para a disseminação das *fake news*. Adiante, produzimos as análises a partir das *fake news* verificadas pela Agência Lupa. Finalmente, pontuamos algumas considerações finais.

<sup>3</sup> Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

## 2 VERDADE E PÓS-VERDADE EM DISCURSO

O termo pós-verdade destacou-se como palavra do ano de 2016 do Dicionário Oxford, definida como um adjetivo que denota “circunstâncias em que fatos objetivos são menos influentes na formação da opinião pública do que apelos à emoção e à crença pessoal” (OXFORD, 2016, s/p). Enquanto prática do cotidiano, a pós-verdade ignora a ciência, os fatos históricos, as estatísticas em detrimento da opinião que importa, de uma convicção pessoal ou uma crença religiosa. A capa da revista inglesa *The Economist* foi responsável por impulsionar e fazer reverberar a palavra pós-verdade. Intitulada de “*Art of the lie*” (em português, “A arte da mentira”), o periódico trouxe a pós-verdade para o centro das discussões. Se antes era tomado como um verbete do ano, agora a pós-verdade também passou a ser objeto de estudo.

No contexto de irrupção de mentiras na agitada política nos Estados Unidos e do Reino Unido, em 2016, a pós-verdade e as *fake news* complementaram-se, chamando atenção do mundo para ambos os fenômenos. Embora venha sido utilizada com maior expressividade após estes dois eventos, a palavra pós-verdade já foi mencionada em outros momentos, segundo D’Ancona (2018). O uso da pós-verdade, no entanto, é datado de 1992, na revista *The Nation*, em uma publicação do escritor Steve Tesich denominada “O contexto? O caso Watergate, o Irã-Contras e outros episódios históricos”. De acordo com D’Ancona (2018), os norte-americanos estavam tão exaustos com estes marcos que decidiram fabricar conspirações suprimindo a verdade dos fatos – numa aproximação de sentido vista nos atuais tempos.

Numa posição semelhante, explica D’Ancona, o blogueiro David Roberts, em 2010, verificou a política-acadêmica, demonstrando que os eleitores se baseavam em posições estritamente pessoais, abandonando os fatos – tal como ocorre na atual política da pós-verdade. D’Ancona aponta que tanto o blogueiro Roberts quanto Tesich, em suas especificidades, profetizaram sobre a pós-verdade. Assim, a “a tese do *blog* de Robert”, nas palavras de D’Ancona (2018, p. 22), teria se tornado uma “realidade geopolítica”.

Fato é que a negação da história, advinda dos efeitos da pós-verdade, aliada a produção de *fake news*, tem provocado, na visão de Santaella (2018, p. 21), acirrados debates e inclusive “ofendendo especialistas na complexa concepção foucaultiana da verdade”, cuja noção ampla, extensa e não se limita em respostas prontas e acabadas, pois está subscrita nos seus trinta anos de produção intelectual. É notório que se trata de uma concepção complexa, uma vez que o conceito de verdade na obra do filósofo político francês é diluído em todo seu pensamento. Indistintas vezes, Foucault utilizou a expressão verdade ou termos que, numa certa medida, estava relacionada com este conceito, a saber: regimes de verdade, vontade de verdade, jogos de verdade, efeitos de verdade, parresía e tantos outros. Uma coisa é certa: a verdade, em

Foucault, não é universal 4, possui um ponto de partida, possui uma história, 5 cujo enredo se desenrolam ao longo da assimetria do tempo.

Isso quer dizer que, assim como o sujeito pode se constituir através de práticas discursivas, nas relações de saber-poder que o envolve, a verdade também está circunscrita no domínio da história. Não há verdade absoluta, “há verdades”, como diz Bouyer (2007), reelaboradas, tais como: a verdade da loucura, a verdade da sexualidade, a verdade da prisão etc. Foucault propôs a reconstituição de determinadas verdades que foram produzidas no decorrer do tempo e em determinado espaço. Assim, percorrendo o pensamento de Foucault, pode-se dizer que a verdade e poder estão associadas, de modo que “as produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam possíveis, induzem essas produções de verdades” (FOUCAULT, 2006a, p. 230).

Dessa maneira, tem-se que verdade e poder caminham lado a lado, levando a afirmar, portanto, que *onde há poder, há verdade e onde há verdade, há poder*. Benevides (2013), ao encarar este tema, explica que o poder não pode se exercer se não estiver envolvido com algo verdadeiro, ou seja, deve entrar em contato com aquilo que é verdade, com a produção de verdade ou uma manifestação de verdade. Tal aceção é reafirmada por Foucault (2009, p. 11) ao dizer que “o exercício do poder se acompanha bem constantemente de uma manifestação de verdade”, esta definida como uma variedade ampla de discursividades, sendo elas verbais ou não-verbais.

Contrastando-se a Santaella, o fenômeno da pós-verdade, com efeito, não estremece a concepção de verdade fabricada por Foucault. Como brevemente mostrado, a preocupação do teórico francês foi pôr em prática os modos de como a verdade relaciona-se com os objetos, e não criar definições específicas, embora ele tenha buscado entendimentos a respeito de determinadas noções concernentes à verdade. Daí que, na esteira do raciocínio de Santaella, o pensamento de Foucault jamais propôs abordar qualquer relação com a ideia da pós-verdade, cuja narrativa aborreceria os comentadores foucaultianos. Ocorre, no entanto, que, através das ideias deste filósofo, podemos, sim, instituir um debate acerca deste fenômeno, permitindo-nos diagnosticar o presente de uma fração discursiva composta por pós-verdades, como exercício para compreender o porquê de determinadas práticas e não outras em seu lugar (FOUCAULT, 2010).

De toda forma, valendo-se das formulações foucaultianas, podemos supor que, na pós-verdade, há contrassenso de ideias que ora podem se legitimar, ora anulam-se, a depender das enunciações que são realizadas e que se instituem como verdadeiro da época. Para Foucault (2014), estar no verdadeiro da época é estar em consonância com aquilo que é enunciado: a terra é redonda, por exemplo. Isto é fato, é

verídico, condiz com o postulado da ciência. Quando se contesta dizendo que, na verdade, a terra é plana<sup>4</sup>, há aí uma negação ao fato consolidado, um exemplo do exercício da pós-verdade, que, ao ser exercida, entra em oposição as verdades da época. Por outro lado, há de se levar em consideração que, mesmo havendo um postulado científico ou uma verdade histórica, discursos mentirosos, uma vez enunciados como verdadeiros, podem entrar para a verdade daquela época.

Vejamos que, na contemporaneidade, o presidente da República, Jair Bolsonaro, frequentemente discursiviza que não houve ditadura militar no Brasil, negligenciando um fato histórico. Contudo, ao afirmar tais convicções, ele constitui uma verdade para esta época. Trata-se do representante da instituição da presidência da República que faz reverberar outra versão histórica, fabricando uma verdade que, para muitos, passa a ser aceita. Nesse sentido, podemos crer que nem sempre é preciso que haja mudança de paradigma histórico, cultural, social para que um discurso venha a ser acolhido e outro venha a ser negado. Fala-se, para citar mais um exemplo, que não houve golpe militar em 1964 no Brasil. Ocorre que, embora a História, os documentos oficiais definam uma vontade de verdade acerca deste assunto, há outras correntes ideológicas que produzirá o discurso de negação, promovendo, a longo prazo, o silenciamento e o esquecimento do golpe de 1964. Arriscamos a falar, no entanto que, quem nega determinados constituições históricas, não estar no verdadeiro da época, vive na ilusão da pós-verdade, que, ao recorrer a falsidade, torna-se falso, ou, como convencionou-se chamar na contemporaneidade, dissemina *fake news*. Sabendo que cada sociedade tem seu regime de verdade, a qual ela acolhe e faz funcionar como verdadeiro, há mecanismos e instâncias de poder que pode recusar ou atender as “outras verdades” enunciadas.

É válido pontuar ainda que, a pós-verdade, nesse movimento, quando se alicerça em *fake news* para se promover, tende a provocar identificação de determinados sujeitos com determinadas teorias e/ou ideologias. É o caso da tese da terra plana ou da inexistência do golpe militar. Para a História ou para Ciência, há comprovações, mas, por conveniência – ou ignorância, conforme já ressaltado – entende-se que as verdades fraudulentas produzidas na web são convincentes e, por isso, ganham adeptos. Uma

---

<sup>4</sup> O movimento terraplanista tem forte apelo nas plataformas de mídias sociais. Os apoiadores defendem que o formato da Terra é plana, contrariando os postulados científicos. Segundo o instituto Datafolha (2019), cerca de 12 milhões de brasileiros posicionaram-se no sentido de que a terra não é redonda. A maioria, de acordo com os resultados obtidos, são formados por pessoas de baixa escolaridade e cristãos. O movimento organizado chegou a realizar uma convenção nacional, em novembro de 2019, para discutir a “teoria” da Terra plana. Movimento como este, no entanto, não é único no Brasil, em tempos de pós-verdade. Outras bandeiras, como o grupo antivacina e do fantasma do comunismo, também se erguem contra a ciência, ignorando os fatos históricos e os estudos científicos.



pesquisa realizada pela “Wellcome Global Monitor 2018” atestou<sup>5</sup> que 35% dos brasileiros não confiam na ciência e que um a cada quatro acredita que o material produzido pela ciência não acrescenta em nada para o país. 75% dos entrevistados afirmaram que, entre a ciência e a religião, a opção é a religião. Isso evidencia que a ciência se neutraliza em detrimento de uma crença pessoal.

### **3 DISCURSO E VERDADE EM FOUCAULT**

No horizonte teórico foucaultiano, o discurso é compreendido como uma prática que constrói os objetos de que fala e como um conjunto de enunciados que pertencem a uma mesma formação discursiva. O enunciado, por sua vez, define-se como o átomo do discurso, a unidade mínima de análise. Na descrição do enunciado, Foucault (2010) elenca as seguintes propriedades: i) referencial – concebido como as leis de possibilidade que fazem emergir determinados enunciados num dado tempo e lugar; ii) posição de sujeito – não se confunde com o sujeito que enuncia nem com a primeira pessoa do singular, mas uma posição intrinsecamente discursiva a ser assumida num enunciado; iii) domínio associado – constitui uma rede a que o enunciado se liga, tanto a enunciados já produzidos quanto aos que ainda estão por vir; iv) materialidade repetível – o enunciado precisa figurar numa substância, num local, numa data, numa instância que o faça enunciar. Em suma, Foucault (2010) delinea o enunciado como uma função que cruza diferentes domínios e pertence exclusivamente aos signos.

Já a formação discursiva, consoante Foucault (2010), é entendida como as regularidades que podem ser entrevistas num sistema de dispersão, a partir da heterogeneidade de temas, de conceito, de tipos de enunciados e de objetos. Nessa esteira, a formação discursiva a partir da qual é possível flagrar a emergência de *fake news* acerca da cloroquina compõem-se de uma diversidade de conceitos e posicionamentos acerca da pandemia da Covid-19. Dito de modo mais específico, a defesa da cloroquina aparece lado a lado com a permanência de temas como a flexibilização das políticas de isolamento social e a uma determinada politização da pandemia por parte de governos estaduais e municipais.

O discurso funciona a partir do que Foucault (2014) chama de construção de vontades da verdade. Inicialmente citamos que a verdade no seio dos estudos foucaultianos é difusa: aparece nos regimes de verdade, jogos de verdade, efeitos de verdade, política da verdade etc. Estes elementos – mas não somente –, constituem o que Benevides (2013) chamou de dispositivo da verdade. De acordo com Benevides (2013, p. 19) “o dispositivo da verdade é precisamente uma máquina que confere realidade,

<sup>5</sup> O resultado da pesquisa pode ser conferido visitando o site: <https://oglobo.globo.com/sociedade/um-terco-dos-brasileiros-desconfia-da-ciencia-23754327>. Acesso em 22 dez 2019.

existência e imanência à verdade. Assim, se não existe qualquer coisa como “a verdade”, um dispositivo da verdade será aquilo que inscreverá a verdade no campo de imanência”. Este dispositivo se caracteriza por ser “múltiplo, flexível e aparentemente onipresente”, define Benevides (2013, p. 65).

Ao mobilizar a noção do dispositivo da verdade, pretendemos aqui criar um breve esboço de determinados conceitos que aparecem em Foucault sobre a verdade, precisamente a discussão que cerca a própria verdade e jogos de verdade. Demandaria tempo e um trabalho extenso em elaborar uma genealogia da verdade, pois isto implicaria conhecer os deslocamentos, os meandros e as posições que a verdade assumiu na vasta obra foucaultiana. Para Benevides (2013), a construção de um dispositivo da verdade abarca uma série de variantes deste conceito. Este dispositivo, na concepção de Foucault, demarca

um conjunto heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em sua, o dito e não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre estes elementos (FOUCAULT, 2017, p. 244).

Enquanto dispositivo, vale dizer, a verdade seria característica própria desse instrumento, figurando-se enquanto tal. Como discorre Veyne (2014, p. 57), “o dispositivo mistura, portanto, vivamente, coisas e ideias (entre as quais a verdade)”. A verdade, nesse sentido, seria componente do dispositivo. Mas, aqui, a verdade é o próprio dispositivo. Isso poderia nos levar a pensar que, em qualquer outro dispositivo, o dispositivo da verdade estaria imbricado nele.

Com a elaboração de um dispositivo da verdade, Benevides (2013, p. 67) não propõe “configurar, nomear, ou batizar diferentes estados de coisas, práticas linguísticas ou formas de vida mediante o uso do termo verdade”. Ou seja, pretende-se seguir as normas de um dispositivo concreto. Dessa forma, na analítica do dispositivo da verdade, “há que supor um certo conjunto de práticas reais que constituem as linhas desse dispositivo”. Não pretende-se, ainda, refazer, rebatizar ou mudar o significado histórico atribuído à verdade, tampouco flexibilizar ou relativizar, como se estivesse disposto a esvaziar o conceito, noção ou a própria palavra verdade. A ideia é seguir, em termos foucaultianos, “toda uma política do discurso, do saber” (BENEVIDES, 2013, p. 72) e da própria verdade.

Para Foucault (2017), a verdade está adormecida em qualquer tempo e espaço, à espera de um movimento que a desperte. No texto *A Casa dos Loucos*, o filósofo francês esclarece que cabe a nós “achar uma boa perspectiva, o ângulo correto, os instrumentos necessários” (FOUCAULT, 2017, p. 190) para fazer a verdade aparecer. Poderíamos entender, pensando as *fake news*, que, embora resistam aos entraves

da pós-verdade, a verdade pode vir a surgir, emergir, irromper para uns, enquanto que, para outros, outra verdade persista. Os checadores de informação, nesse sentido, seriam um dos instrumentos a perspectivar a verdade por trás da mentira. A verdade, mais ainda, está presente em toda parte, talvez por isso acredite-se, nesta contemporaneidade, em tudo que se ver, sem questionar ou duvidar. A verdade, portanto, é onipresente. Foucault atesta isso ao dizer que, é a partir de uma tecnologia de demonstração, que a verdade é revelada, através de uma *verdade-demonstração* ou *verdade-céu*.

A verdade-demonstração está presente em todos os lugares, habita em qualquer coisa. Em oposição a esta verdade, Foucault (2006b) se vale de uma *verdade-acontecimento* ou *verdade-raio*. Esta verdade não está em toda parte. É uma verdade dispersa, não espera, tem seus instantes favoráveis, seus lugares propícios, tem uma cronologia, uma geografia e calendário próprios. “Essa verdade não é universal. O que não quer dizer que é uma verdade rara, mas sim uma verdade dispersa, uma verdade que se produz como um acontecimento” (FOUCAULT, 2006b, p. 304).

Foucault (2006b) determina, portanto, que há duas séries da verdade no ocidente: a verdade-demonstração, onipresente e contínua, e verdade-acontecimento, dispersa e descontínua. A verdade-acontecimento está na ordem do que acontece, que não se descobre, mas, sim, aparece na forma de acontecimento, uma verdade, enfim, que não é constatada, mas que é chamada, invocada. Ela ocorre em uma relação de choque, bem como uma relação de caça, não é uma verdade cuja relação se respalda pelo conhecimento, mas, sim, pelo poder.

Arriscamos a dizer, a partir desta enunciação, que as *fake news* estão associadas a uma verdade-acontecimento, uma vez que elas irrompem indistintamente na imensidão da *web*. A *fake news* não espera, surge, aparece, está dissolvida nas redes digitais, é uma verdade dispersa, não universal, pode irromper nas malhas do *YouTube*, ou nas linhas do tempo do *Facebook*, mas também nos algoritmos dos blogs e canais de notícias. No percurso da História, as *fake news* formam-se como uma erupção de um vulcão: estão lá na *web*, eclodem, nascem, enfim, rompem as barreiras dos códigos que formam nosso ciberespaço.

As *fake news* também se valem do que Foucault chamou de *jogos de verdade*, que ocupam uma posição imprescindível na constituição e repercussão das mentiras virtuais. Como eles instituem os enunciados no modo que são criados, as *fake news* passam a ter crédito nas mídias sociais, por essa razão reverberam tão facilmente. No entendimento de Foucault, os jogos de verdade definem se a verdade é uma construção ou não. Há casos que sim, outros que não, isso vai depender do “conjunto de regras para a produção da verdade” (FOUCAULT, 2006c, p. 282). Nesse caso, os enunciados midiáticos serão produzidos mediante

aos jogos do produtor, a fim de estabelecer, para eles, uma verdade, de forma que os procedimentos realizados conduzam a certo resultado.

Nos jogos de verdade, há sempre uma possibilidade, de acordo com Foucault (2006c, p. 282-283), “de descobrir alguma coisa diferente e de mudar mais ou menos tal ou tal regra, e mesmo eventualmente todo o conjunto do jogo de verdade”, que viabiliza descrever, portanto, um acontecimento de uma forma ou de outra, a depender das regras que rege sua criação. Por essa razão, aqueles que têm o poder de produzir verdades, têm o poder de dizer a verdade e expressá-la como bem entender. Foucault (2006c) não acreditava que os jogos de verdade, num estado de comunicação, poderiam circular livremente, sem obstáculos, sem restrições ou sem coerções. Isto, para ele, seria “utópico”. No entanto, parece-nos que, quando se trata das *fake news*, a impressão é que, para elas, esse modelo não seja válido, pois as mentiras virtuais escapam as regras de aparecimento e irrompem indistintamente nas malhas sociais do poder.

A instituição de uma mentira virtual, portanto, conforme aponta Fernandes Jr e Drummond (2018, p. 47), pode ser entendido como um “jogo estratégico e político que, na produção dos efeitos de poder-saber, se pretende verdadeiro, torna-se pretensamente válido e legítimo, ‘verdade transitória’ e interessada”. O debate em torno do uso da hidroxicloroquina é tema que mobiliza adeptos do presidente Jair Bolsonaro, que, assim como ele, relativiza a ciência. Assim, se valer de instrumentos de saber-poder como as *fake news* é uma tática que pode vir a funcionar neste cenário de ódio e uso político da mentira<sup>6</sup>, tão corriqueiro na cotidiano contemporâneo da sociedade brasileira. Não interessa se os fatos são verdadeiros ou falsos, pois na política da pós-verdade, a verdade é sucumbida a crenças pessoais e a conveniências políticas. Conforme Henriques (2018, p. 10), “A combinação mais perigosa acontece quando informações e orientações que contrariam o conhecimento científico são difundidas numa situação em que existe um fato real, como uma epidemia ou uma campanha de saúde pública”.

A ignorância ao verdadeiro das instituições, à história, aos fatos, à ciência aparece como fator de grande peso àquilo que se acredita. Não se verifica, pois os jogos da verdade já instituíram o quebra-cabeça fiel da realidade: *é isto e pronto! É verdade, até que se prove o contrário*. Assim funcionam as redes de mentiras que emergem a todo instante nos sites de redes sociais. Nas palavras de Benevides (2013, p. 49), “não importa se o que causa é intrinsecamente verdadeiro. Interessa tão-somente se aquilo que causa

<sup>6</sup> No período do Governo Bolsonaro, percebeu-se uma “onda” de ataques às reputações, não só de políticos, mas de pessoas comuns, que discordassem da opinião dita hegemônica. O país vivia uma polarização entre àqueles que defendiam o presidente e seu Governo e os aqueles criticavam-o. A mídia chegou a noticiar a existência de um “gabinete do ódio”, que coordenava ataques às figuras públicas nos sites de redes sociais. Veja matéria sobre o “gabinete do ódio” disponível em: <https://www.gazetadopovo.com.br/republica/gabinete-do-odio-alvo-cpmi-fake-news/>. Acesso em: 31 mar. 2020.

é tomado por verdadeiro". Assim, por exemplo, tem sido as discussões sobre o uso da hidroxocloquina. Não há uma linearidade de estudos que comprovem a eficácia do remédio para o tratamento e cura do novo coronavírus, no entanto, por razões políticas e ideológicas, instituiu-se, para uma parcela da sociedade, que seu uso pode ser benéfico e o efeito imediato, constituindo-se, assim, no "elixir da cura" a que referimos no título do texto.

#### **4. O "ELIXIR DA CURA" EM DISPUTA: ANÁLISE DAS *FAKES NEWS* SOBRE A CLOROQUINA**

As notícias falsas checadas pela Agência Lupa a serem analisadas são as seguintes: i) #Verificamos: é falso que Dória proibiu cloroquina nos hospitais de São Paulo; ii) #Verificamos: é falso que ação do PT no STF visa 'a proibir a aquisição de cloroquina pelo governo'; iii) #Verificamos: é falso que médico paraense descobriu a cloroquina. Vemos que subsiste uma regularidade no modo de enunciar o serviço de checagem. A agência Lupa, criada em 2015, avalia diversas notícias publicadas em variados portais da *web* e as classifica a partir de etiquetas que autenticam o grau de veracidade que vão desde *verdadeiro*, *quase verdadeiro* (informação correta, mas o leitor merece mais atenção), *é cedo para dizer* (ou seja, a notícia pode ser verdadeira ou não), *exagerado* (informação no caminho correto, mas há um exagero), *contraditório* (a informação contradiz outra reproduzida antes pela mesma fonte), *subestimado* (os dados são graves do que a informação), *insustentável* (não há dados públicos que corroborem a informação), *falsa* (a informação está comprovadamente incorreta) e *de olho* (etiqueta de monitoramento).

No caso das *fake news* em estudo, a agência de checagem comprovou que se trata de informações incorretas na escala de etiquetagem estabelecida como parâmetro. Portanto, são informações que não possuem qualquer vestígio de um dado que pudesse inseri-las como verdadeiras. De acordo com Silva, Albuquerque e Veloso (2019, p. 417), "as *fake news* são produzidas por agentes que trabalham em prol de interesses privados em prol de um ator ou grupo para atingir fins específicos". Sendo assim, as notícias falsas acerca da cloroquina e seus derivados acentuam a posição de que se trata de um medicamento eficaz e que o fato de não utilizá-lo estaria atrelado a interesses escusos de grupos políticos que não coincidentemente discordam da política sanitária do governo federal, a saber: o governador de São Paulo e o Partido dos Trabalhadores (PT). Assim, na primeira *fake news*, tem-se uma postagem que circulou no *Facebook* e até o dia 1 de abril de 2020 contava com mais de 800 compartilhamentos. Na postagem, lê-se: "Dória, proíbe a cloroquina no estado de São Paulo... Quer que o povo brasileiro morra mesmo! Dória é comunista, junto com todos os prefeitos e governadores canalhas".

A notícia falsa apresenta um posicionamento de indignação frente a uma suposta ação arbitrária, por parte do poder público do estado de São Paulo, em proibir o uso da medicação e, com isso, colocar em

risco a vida da população. Perpassa ainda nesse posicionamento um imaginário segundo o qual todos os que se distanciam da percepção política da direita seriam comunistas em potencial e, por isso, canalhas e perigosos. Num domínio associado, vemos que emergir representações do comunismo como uma ameaça nociva para o nacionalismo, o liberalismo e o catolicismo. Tal ameaça desmantelaria a ordem política e social e os enunciados produzidos remetem à criação do Partido Comunista Brasileiro, no começo do século XX. Para Almeida (2010, p. 49), “[...] o esforço da Igreja com a ação católica e com uma imprensa atuante era combater tais males, pois havia a necessidade de cristinização do homem moderno para afastá-lo do mal”.

Pelo fato de o enunciado constituir-se numa rede sócio-histórica, os dizeres anticomunistas emergem hoje em função de um momento no qual se vivencia uma intensa polarização política e, em virtude disso, o ponto equidistante do governo seria o espectro comunista. Disso reside uma memória de que se trata de regimes ditatorias que proíbem a circulação e a liberdade. Para ilustrar, as manifestações em prol da abertura do comércio e o fim do isolamento social, tanto no Brasil como nos EUA, apelaram para a violação do direito à liberdade de circulação e foram amplamente apoiadas tanto por Trump como Bolsonaro.

Em se tratando de cloroquina, vemos que a interdição do uso do medicamento é interpretada, na notícia falsa, como o desejo dos governantes de que a população (“o povo brasileiro” venha a morrer). Segundo a agência Lupa, a notícia é etiquetada como falsa, em primeiro lugar, porque não cabe ao governo estadual proibir ou permitir a utilização de quaisquer medicamentos, pois esta é uma função que recai sobre Agência Nacional de Vigilância Sanitária (Anvisa), ligada ao Ministério da Saúde. Em segundo lugar, conforme a Lupa, a assessoria de comunicação da Secretaria de Saúde do Estado de São Paulo afirmou, em nota, que o medicamento poderá ser utilizado em casos graves de Covid-19, mas como um auxiliar e não como uma droga eficaz, haja vista inexistir comprovações científicas sobre essa utilização.

Tem-se, assim, uma vontade de verdade, no funcionamento da *fake news*, que põe em jogo o saber científico e o posicionamento político, personificado na figura do presidente, o qual propagandeou o uso da medicação, a despeito da ausência de uma instância que o autorizasse a fazê-lo. Na perspectiva foucaultiana, trata-se de uma verdade-acontecimento, a ser dissipada (ou não) mediante o trabalho da agência de checagem. Dizemos isso porque paira uma desconfiança acerca do trabalho das próprias agências de checagem, donde figura um ceticismo que se estende por toda a imprensa de maneira geral, pois muitas agências de checagem estão vinculadas a determinados jornais e revistas. Uma declaração

do presidente Bolsonaro pode corroborar essa nossa hipótese. Segundo ele, a imagem ruim que é feita dele no exterior deve-se ao fato de a imprensa mundial ser de esquerda<sup>7</sup>.

Na segunda *fake news* analisada, temos uma postagem que circulou no *Facebook* e que acusa o PT, por meio de uma petição no Supremo Tribunal Federal (STF), de proibir o governo federal de adquirir a cloroquina. Assim se pronuncia o posicionamento da notícia falsa: “Os petralhas querem proibir o governo federal de fornecer ou custear a hidroxi-cloroquina/Ministro Alexandre de Moraes poderá proibir o governo federal de destinar recursos para aquisição de hidroxi-coloquina se atender a pedido de liminar feito pelo PT”. Continua afirmando: “Aparentemente o remdesevir será o único medicamento que atenderia à exigência do PT. Remdesevir ajuda principalmente nos casos graves, mas é caríssimo”. Encerra com as *hashtags* “#AvançaBrasil #FechadocomBolsonaro #ForaAlexandredeMoraes #ForaMaia #Jamaisseravermelha #PTnuncamais #BolsonaroTemRazao”.

Ao apontar o PT como o responsável por um embargo na aquisição da cloroquina, a posição que enuncia produz uma vontade de verdade por meio da qual se pode entrever um efeito de abjeção por parte dessa sigla e os que nela se identificam (“petralhas”). Esse partido seria uma espécie de inimigo da nação, quando exige que o único medicamento para o tratamento da Covid-19 tenha um preço muito elevado. As *hashtags*, palavras-chave que indexam o conteúdo nas mídias digitais, endossam esse posicionamento, na medida em que se voltam contra o ministro do STF, o presidente da Câmara (Rodrigo Maia), ao PT e o apoio a Bolsonaro como o é detentor da verdade (isto é, “tem razão”) nesse embate discursivo.

Essa notícia, checada pela Lupa e etiquetada com o selo de falsa, pois, segundo a agência, não há nenhuma liminar protocolada pelo PT que solicite a proibição e o fornecimento ou custeio da hidroxi-cloroquina pelo Governo Federal, consegue articular três instâncias que disputam o *status* da verdade. Primeiro, a instância judicial, a qual tem o poder de validar determinados discursos e práticas; nesse caso proibir ou não a aquisição da hidroxi-cloroquina; segundo, a política que insere a medicação no esteio de um embate de posicionamentos díspares, pois, de um lado, há a defesa do medicamento pelo presidente e a condenação, por parte da oposição; terceiro, a ciência, silenciada numa discussão em que ela seria a peça principal. Conforme nos lembra Teixeira (2019), as *fake news* buscam culpados e, no caso, em análise, os culpados estão representados na associação inescrupulosa entre o ministro do STF e o PT. Esse discurso é produzido em condições de possibilidade específicas, tendo em vista os resquícios da campanha de 2018, em que os partidos vinculados à esquerda, notadamente o PT, foi rechaçado de modo

<sup>7</sup> Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/25/bolsonaro-diz-ter-imagem-ruim-exterior-por-imprensa-mundial-ser-de-esquerda.htm>>. Acesso em: 26 maio 2020.

vertiginoso através de difamações, notícias falsas e tentativas de criminalização de movimentos sociais, e tudo isso constitui o referencial do enunciado, na medida em que denota as leis de aparição destes dizeres e não de outros. A vinculação irrestrita ao governo Bolsonaro pressupõe o ataque às instituições democráticas e, mais recentemente, à ciência, cuja produção de verdade tem sido colocada em xeque.

De acordo com Sacramento (2018, p. 5), “na contemporaneidade, estamos passando de um regime de verdade baseado na confiança nas instituições para outro regulado pelos dogmas, pela intimidade, pela experiência pessoal”. Isso explica, portanto, a ojeriza na *fake news* em tela no tocante às instituições judiciais e políticas e a identificação com um dogma produzido a partir da defesa bolsonarista em torno da cloroquina. Uma das *hashtags* parece-nos sintomática nesse direcionamento: #FechadocomBolsonaro. Nessa palavra-chave, a posição de sujeito mostra-se ligada de tal modo, que desconfia de tudo que possa esgarçar o apoio ao presidente e disso decorre a criação de inimigos e de uma atmosfera conspiratória que faz parte da lógica de funcionamento das *fake news*.

Na terceira *fake news*, temos mais uma postagem que circulou no *Facebook* e imputa a criação da cloroquina a um médico paraense<sup>8</sup>. Do lado de uma fotografia em preto e branco do médico Gaspar de Oliveira Vianna e uma embalagem antiga com o nome cloroquina, é dado a ver os seguintes dizeres: “Você sabia que foi um paraense que descobriu a cloroquina? Dr. Gaspar Viana”. De acordo com a agência Lupa, a informação não procede, pois quem inventou a cloroquina foi o cientista austríaco Hans Andersarg, o qual trabalhava para empresa alemã Bayer. O médico paraense a que a *fake news* alude tornou-se conhecido por ter descoberto um tratamento para leishmaniose e um dos primeiros a estudar a doença de Chagas. Ainda conforme a agência, não há qualquer registro histórico que possa atestar que o médico patologista tenha estudado a malária e proposto qualquer medicamento para curá-la.

Todavia, é relevante observar as estratégias discursivas que a notícia falsa lança mão para produzir um efeito de verdade, pois, ao atribuir a descoberta da medicação a um médico paraense, dota a medicação de um tempero brasileiro, fazendo emergir uma ideia de pertencimento, patriotismo e nacionalismo e, com isso, tem-se uma valorização do produto e um incentivo a sua aquisição. Na legenda da postagem, originalmente publicada na página S.O.S Patriota, isso fica em evidência, pois a posição enunciativa da postagem destaca: “A hidroxi-cloroquina... Para quem não sabe!!!E acho que nem o prefeito nem o governador, também não saibam, que este medicamento foi inventado por um paraense o DR GASPAR VIANNA que era médico patologista e cientista [...]”. Continua reiterando: “Que bom seria, se nossos governantes lembrassem desse benfeitor da humanidade, e que nosso estado deveria ser lembrado”.

<sup>8</sup> Segundo a Lupa, até o dia 21 de 2020, a postagem registrava 170 compartilhamentos.



No funcionamento da *fake news*, o sujeito enunciador vale-se de uma informação que seria de um saber histórico para referendar a eficácia da cloroquina. Ao fazê-lo, com um tom de denúncia, repudia o fato de os governantes, notadamente prefeitos e governadores, não darem a devida atenção à origem do medicamento. A posição conclama, pois, outros sujeitos a serem parte integrante dessa defesa, uma vez que se coloca num lugar do esclarecimento (“para quem não sabe”), de um efeito de verdade conservado pela história. Assim, a constituição da notícia falsa assemelha-se a materialidades repetíveis de ordem enciclopédica, tais como verbetes e guias, os quais detêm o poder de informar. No entanto, tem-se uma completa distorção, ao construir um perfil biográfico (“benfeitor da humanidade”) que não encontra respaldo nos fatos históricos.

Eis uma das facetas da pós-verdade: apropriar-se de sistemas tradicionais de conservação e produção do saber para produzir narrativas irreais e fabulosas em prol da defesa de um posicionamento discursivo. De acordo com Sodré (2019, p. 99), “[...] um boato pode ser aleatório ou resultante de uma estratégia discursiva deliberada”. Ora, é justamente esse aspecto que matiza a produção das notícias falsas, porquanto não se trata de dizeres que emergem ao acaso, ao contrário, são discursos que servem ao arremetimento de um posicionamento discursivo. Na análise aqui empreendida, as notícias falsas partilham de um mesmo ponto: o sustentáculo a tese de que a cloroquina é útil no tratamento da Covid-19. Ignorando todas as razões em contrário, informações falsas emergiram, acusações foram articuladas, invenções históricas foram meticulosamente engendradas. Pensando sob a ótica foucaultiana, não se pode ponderar a produção das vontades de verdade sem uma articulação com os procedimentos que fazem circular determinados discursos. Ao se esquivar de pensar a verdade como uma abstração, uma entidade inefável e transcendental, o exame dos boatos contemporâneos permite-nos observar como as vontades de verdade paradoxalmente habitam, num jogo sinuoso, a aparição da mentira.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Neste artigo, estabelecemos como objetivo analisar *fake news* sobre a hidroxocloroquina/cloroquina, com vistas a descrever as estratégias discursivas e os jogos de verdade que são acionados na produção dessas materialidades discursivas. Para isso, o foco incidiu sobre três notícias falsas checadas pela Agência Lupa, as quais foram difundidas no decurso da pandemia que atinge praticamente todo o planeta a partir do começo do ano de 2020. As informações falsas, conforme frisamos ao longo deste texto, comungam de um mesmo posicionamento discursivo: a necessidade da utilização da cloroquina como um medicamento eficaz no combate à Covid-19.

Sob a égide das declarações constantes do presidente Bolsonaro acerca dos benefícios da cloroquina, as notícias falsas utilizam de determinadas estratégias discursivas que coadunam com esse ponto de vista, quando consideramos o ataque aos prefeitos, governadores e ao ministro do STF Alexandre de Moraes, ou seja, todos que não concordam com a visão do presidente. Nessa medida, rastreamos posicionamentos discursivos que apontam Dória como inimigo da população, ao proibir a cloroquina, o golpe orquestrado pelo PT, junto ao STF, para impedir o governo federal de adquirir o medicamento e o desconhecimento de governadores e prefeitos a respeito da origem nacional da cloroquina. Atravessando essas materialidades discursivas, observamos a construção dos que discordam da cura da cloroquina como figuras irracionais e indivíduos desviantes (DUNKER, 2017), classificadas como “canalhas”, “comunistas” e “petralhas”.

Em relação aos jogos de verdade demandados na produção das notícias falsas, podemos pensar no embate acerca de interesses políticos, numa guerrilha discursiva em que, de um lado, repousam vontades de verdade da ala defensora da cloroquina e, de outro, aqueles que se opõem, os quais esconderiam a verdade verdadeira. Há ainda no âmbito desses jogos, a remissão às instituições jurídicas anteriormente detentoras de um saber verdadeiro, agora desacreditadas em função de interesses escusos, bem como a história, que pode ser revertida em razão de desejos individuais. De acordo com o afirmamos anteriormente, na constituição da mentira, subjazem vontades de verdade que denegam a autoridade e o saber especializado das mais diferentes autoridades e instituições. Quando pensamos na saúde populacional, essas notícias falsas podem causar danos incomensuráveis. Ao terminamos este texto, o Brasil liderava o *ranking* de mortes e de novos casos de Covid-19 em todo o mundo, o ministério da Saúde estava sendo ocupado por um militar sem formação na área requerida pela pasta e, em alguns Estados, já se fala na abertura gradual do comércio e de escolas. As agências de checagem trabalhavam diuturnamente no exame de uma enxurrada de notícias falsas sobre a pandemia que inundam as redes sociais. Ainda não sabemos o impacto real desses boatos no combate ao problema, mas não podemos nos furtar em especular o poder que a desinformação gera, se considerarmos que essa desinformação foi capaz de impulsionar uma campanha eleitoral que logrou êxito e hoje triunfa sob o manto da mentira.

## REFERÊNCIAS

AGÊNCIA LUPA. **#Verificamos:** é falso que Dória proibiu cloroquina nos hospitais de São Paulo, 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/04/01/verificamos-doria-cloroquina-coronavirus/>>. Acesso em: 26 maio 2020.

AGÊNCIA LUPA. **#Verificamos:** é falso que ação do PT no STF visa 'a proibir a aquisição de cloroquina pelo governo', 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/19/acao-pt-stf-cloroquina/>>. Acesso em: 26 maio de 2020.

AGÊNCIA LUPA. **#Verificamos:** é falso que médico paraense descobriu a cloroquina. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/lupa/2020/05/21/verificamos-medico-paraense-descobriu-cloroquina/>>. Acesso em: 26 maio de 2020.

ALMEIDA, V. A. G. **Chorem os sinos:** os discursos e as práticas anticomunistas da Arquidiocese de Olinda e Recife (1952-1960). 2010. 124 f. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História, Universidade Federal de Pernambuco: Recife, 2010.

AURÉLIO, S. **Tem cloroquina?** Um balconista de farmácia conta seu dia a dia durante a pandemia, *Piauí*, 2020. Disponível em: <<https://piaui.folha.uol.com.br/materia/tem-cloroquina/>>. Acesso em: 26 maio de 2020.

BENEVIDES, Pablo Severiano. **O dispositivo da verdade:** uma análise a partir do pensamento de Michel Foucault. 2013. 511f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Ceará, Fortaleza/CE.

BOUYER, Gilbert Cardoso. A face produtiva do poder: indivíduo, cogito e verdade. **Ciências & Cognição**. v. 10. p. 178-198. 2007.

D'ANCONA, M. **Pós-verdade:** a nova guerra contra os fatos em tempos de *fake news*. Barueri: Faro Editorial, 2018.

DUNKER, C. **Reinvenção da intimidade:** políticas do sofrimento cotidiano. São Paulo: Ubu Editora, 2017.

ENGLISH OXFORD LIVING DICTIONARIES. (s.d.). **Word of the Year 2016 is...** Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 25 fev. 2019.

FERNANDES JÚNIOR, A.; DRUMMOND, C. C. Entre fatos, boatos e vontades de verdades: os sentidos produzidos pela mídia na política brasileira. **EID&A - Revista Eletrônica de Estudos Integrados em Discurso e Argumentação**, n. 16, p. 26-51, set. 2018.

FERRARI, Pollyana. **Como sair das bolhas**. São Paulo: EDUC/Fortaleza: Armazém da Cultura, 2018.

FONT-RÉAULX, Dominique de. La Vérité de Jean-Léon Gérôme, une allégorie réaliste de la vie artistique du peintre. In: **La vérité nue**. 2012.

FOUCAULT, Michel. **A verdade e as formas jurídicas**. Tradução de Roberto Cabral de Melo Machado e Eduardo Jardim Morais. Rio de Janeiro: NAU Editora, 2002.

FOUCAULT, Michel. Da Arqueologia à Dinástica. *In: Ditos e Escritos IV: Estratégia, Poder-Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006a.

FOUCAULT, Michel. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.

FOUCAULT, Michel. Sexualidade e Poder. *In: Ditos e Escritos V: Ética, sexualidade e política*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006c.

FOUCAULT, Michel. **Do governo dos vivos**: curso no Collège de France, 1979-1980: aulas de 09 a 30 de janeiro de 1980. Tradução de Nildo Avelino. São Paulo: Centro de Cultura Social, 2009.

FOUCAULT, M. **A arqueologia do saber**. Trad. Luiz Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

FOUCAULT, Michel. Sobre a prisão. *In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder*. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

FOUCAULT, Michel. A casa dos loucos. *In: FOUCAULT, Michel. Microfísica do Poder*. Rio 5. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2017.

GORTÁZAR, N. G.; JUCÁ, B. Cientistas brasileiros vivem pesadelo em meio à politização da cloroquina. **El País**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/brasil/2020-05-25/cientistas-brasileiros-vivem-pesadelo-em-meio-a-politizacao-da-cloroquina.html>>. Acesso em: 24 maio 2020.

HENRIQUES, C. M. P. A dupla epidemia: febre amarela e desinformação, **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n.1, p. 9-13, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1513/2198>>. Acesso em: 20 maio 2020.

O VALOR. **Estudo diz que 90% dos eleitores de Bolsonaro acreditaram em fake news**, 2018. Disponível em: <<https://valor.globo.com/politica/noticia/2018/11/02/estudo-diz-que-90-dos-eleitores-de-bolsonaro-acreditaram-em-fake-news.ghtml>>. Acesso em: 11 mar. 2020.

LEYOUDEC, Maud. **Exposition autor de "La Vérité" de Jean-Léon Gérôme, du 20 janvier au 29 avril.**

Disponível em: <[https://www.lamontagne.fr/moulins-03000/loisirs/exposition-autour-de-la-verite-de-jean-leon-gerome-du-20janvier-au-29-avril\\_160918](https://www.lamontagne.fr/moulins-03000/loisirs/exposition-autour-de-la-verite-de-jean-leon-gerome-du-20janvier-au-29-avril_160918)>. Acesso em: 03 fev. 2020.

LÍMON, R. O que fez a OMS suspender os ensaios com a hidroxiclороquina. **El País**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/ciencia/2020-05-25/o-que-fez-a-oms-suspender-os-ensaios-com-a-hidroxiclороquina.html>>. Acesso em: 26 maio 2020.

SÁ, X. Pamonhas, pamonhas, pamonhas; *fake news, fake news, fake News*. **El País**, 2020. Disponível em: <<https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-05-28/pamonhas-pamonhas-pamonhas-fake-news-fake-news-fake-news.html>>. Acesso em: 28 maio 2020.

SACRAMENTO, I. A saúde numa sociedade de verdades. **Reciis – Rev Eletron Comun Inf Inov Saúde**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 1, p. 4-8, jan./mar. 2018. Disponível em: <<https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/1514/2201>>. Acesso em: 24 maio 2020.

SACRAMENTO, I.; PAIVA, R. *Fake news, WhatsApp* e a vacinação contra febre amarela no Brasil. **Matrizes**, São Paulo, v. 14, n. 1, jan/abr. 2020. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/matrizes/article/view/160081/160682>>. Acesso em: 28 maio 2020.

SANTAELLA, Lúcia. **A pós-verdade é verdadeira ou falsa?** Barueri/SP: Estação das Letras e Cores, 2018.

SODRÉ, M. O facto falso: Do factóide às fake news. In: FIGUEIRA, J.; SANTOS, S. (Orgs.). **As fake news e a nova ordem (des)informativa na era da pós-verdade**. Coimbra, Portugal: Imprensa da Universidade de Coimbra, 2019, p. 87-100.

SILVA, Mayara Carla Dantas da; ALBUQUERQUE, Maria Elizabeth Baltar Carneiro de; VELOSO, Maria do Socorro Furtado. Representação da informação noticiosa pelas agências de fact-checking: do acesso de informação ao excesso de desinformação. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Informação**, São Paulo, v. 15, n. 2, p. 410-426, 2019.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Editora Sulina. 2009.

TEIXEIRA, A. **Fake news contra a vida**: desinformação ameaça vacinação de combate à febre amarela. 2019. 98 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação e Semiótica) – Programa de Pós-Graduação em Comunicação e Semiótica, Pontífice Universidade Católica de São Paulo: São Paulo, 2019.

TILLIER, Bertrand. Gérôme e a “porcaria” impressionista. **Revista de História da Arte e da Arqueologia**. n. 16. jul/dez. 2011.

VEYNE, Paul. **Foucault**: seu pensamento, sua pessoa. Tradução de Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

UOL. **Bolsonaro diz ter imagem ruim no exterior por mídia mundial ser de esquerda**, 2020. Disponível em: <<https://noticias.uol.com.br/politica/ultimas-noticias/2020/05/25/bolsonaro-diz-ter-imagem-ruim-exterior-por-imprensa-mundial-ser-de-esquerda.htm>>. Acesso em: 26 maio 2020.